

REVISTA INTER-LEGERE

ENTREVISTA

Professora Maria da Glória Gohn¹

ENTREVISTADORES(AS):

Ana Maria Morais Costa²,
 Simone Cabral Marinho dos Santos³
 Raimundo França⁴



Maria da Gloria Marcondes Gohn

Maria da Glória Gohn é professora-titular da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP) e professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). É socióloga, com graduação em sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1970), Mestrado também em Sociologia (1979) e Doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1983), com Pós-Doutorado na New School of University, Nova York (1997). Foi Bolsista da Fundação Rockefeller em Belágio, Itália (2000) e da UNESCO em Santiago do Chile (1989). É, atualmente, Pesquisadora 1 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e Vice-Presidente do Comitê "Social Movements and Social Classes" da Associação Internacional de Sociologia (ISA). Parecerista ad hoc da avaliação de periódicos - SciELO, do CNPq, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia(FAPESBA). Membro do Corresponding editors - International Journal Of Urban And Regional Research. Foi membro de Comitê

¹ Entrevista realizada (gravada), no dia 12 de dezembro de 2010, no Imirá Plaza Hotel, em Natal-RN, transcrita por Simone Cabral Marinho dos Santos e Maiara Clara Marinho dos Santos e editada por Lenina Lopes Soares Silva, Simone Cabral M. Santos, Ana Maria Morais Costa e Anderson Cristopher dos Santos.

² Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁴ Professor da Universidade do Estado do Mato Grosso e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Acadêmico do CNPq, área Sociologia (2007-2010). Em 2010 teve sua autobiografia selecionada e incluída no DESSA-Dictionary of Eminent Social Sciences Scientists, da Fundação Mattei Dogan, Paris. Desenvolve há quatro décadas pesquisas sobre a temática dos Movimentos Sociais que resultou na publicação de 16 livros de autoria individual e coletâneas nos quais procura acompanhar as mudanças na sociedade, na conjuntura política, nos movimentos sociais e nas formas de interpretá-los. Dentre seus livros destacam-se "Teorias dos Movimentos Sociais (Loyola, 2011, 9a ed); "Historia dos Movimentos e Lutas Sociais" (Loyola, 2011, 6a ed.), "Novas Teorias dos Movimentos Sociais" (Loyola, 2010, 2a ed), Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil Contemporâneo" (Vozes, 2010, 2a ed) e "Movimentos Sociais e Educação" (Cortez, 2009, 7ªed).

(Texto baseado em informações disponíveis pela autora na Plataforma Lattes, em 27/01/2011. O endereço eletrônico para acessar o Currículo da entrevistada é o seguinte: <http://lattes.cnpq.br/8315862641929394>)

A professora Maria da Glória Gohn esteve em Natal-RN por ocasião da sua participação na **I Conferência Nacional de Políticas Públicas Contra a Pobreza e a Desigualdade** realizada no período de 10 a 12 de novembro de 2010, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal. Após sua participação na Mesa Redonda "Democratização do Espaço Público e Novos Atores Sociais", dia 11, agendamos esta entrevista para o dia 12, no Imirá Plaza Hotel. Embora tenhamos combinado um roteiro de questões (cinco perguntas) a receptividade da professora e a disposição para o diálogo de idéias tornou este momento uma agradável prosa finalizada somente pela necessidade de deslocamento para o aeroporto. Para a nossa equipe, esse momento significou um privilégio de estar com uma autora tão presente em nossos estudos e um enorme aprendizado que passamos agora a socializar com àqueles que têm interesse no estudo da temática dos movimentos sociais.

1 REVISTA INTER-LEGERE: O que motivou o seu interesse pelo estudo na área dos movimentos sociais?

Professora Maria da Glória: Bem, inicialmente eu gostaria de dizer da satisfação de estar gravando esta entrevista nesse cenário deslumbrante de Natal e dentro de um trabalho acadêmico, com pessoas que trabalham com a temática de movimentos sociais, porque eu realmente penso que são necessárias mais pessoas que estudem a temática; pessoas que produzam conhecimentos sobre essa temática na universidade. É, assim, uma alegria quando eu tenho uma oportunidade como esta. Na maioria das vezes, creio que em torno de 90% das entrevistas são jornalísticas, ou para ONGs, representantes governamentais etc., inegavelmente são entrevistas importantes porque você divulga seu trabalho, mas para que se construa um acervo de conhecimento é fundamental a pesquisa acadêmica, o interesse científico. Sendo assim, quero dizer que esta entrevista tem um outro significado, falar com o pessoal da universidade, eu considero que seja super importante, isto é um primeiro ponto.

O que motivou meu interesse pelo estudo da área dos movimentos sociais é uma história longa e antiga que eu vou resumir em alguns pontos.

Primeiro talvez seja certa herança familiar de meu pai. Na minha família todos trabalhavam e atuavam com a questão da justiça, do direito... Então, eu penso que há aí alguma raiz, que sempre deixou essa inquietação e direcionou o meu interesse acadêmico e profissional. Referência

Segundo, na época em que eu fiz faculdade, nos anos 1960. Eu sou filha da geração dos anos 1960 e todas aquelas lutas e aqueles movimentos estudantis. Eu estudei em São Paulo em 1968, nesse ano eu morava a duas quadras da rua Maria Antonia e isso dava na Faculdade de Sociologia e Política da USP⁵, naquela época de 1968 onde entrou para a história⁶. Então, eu acredito que isto teve um ponto fundamental, no sentido da sensibilização. Agora, de fato as pesquisas sobre movimento social, elas começaram nos anos 1970 e o interesse inicial foi até pelo movimento sindical literário que era o novo sindicalismo que estava nascendo. Mas, ao mesmo tempo, no primeiro momento, eu me interessei pelo Sindicato dos Gráficos. Eu estava fazendo um curso com o professor Azis Simão⁷ que me despertou muito para a questão das lutas sociais no início do Século XX e a formação da classe operária em São Paulo. Desse modo, eu formulei um projeto de pesquisa sobre o sindicato dos gráficos e entrei na Universidade Católica para fazer o mestrado com o professor Leôncio Marins Rodrigues que trabalhava com a temática dos movimentos sindicais, mas, logo depois de 06 meses eu comecei a me interessar pelo movimento de associação dos moradores, que estava muito crescente em São Paulo; mudando o perfil de entidades mais clientelistas da sociedade, da barganha pelo voto, para um perfil de entidades voltadas muito mais para a reivindicação; para o novo associativismo de bairro das Comunidades Eclesiais de Base; para um associativismo de bairro desvinculado dos então partidos políticos que existiam e vinculados, justamente, aquele novo sindicalismo. Então, acho que foram esses elementos que me despertaram para os estudos sobre movimentos sociais.

2 REVISTA INTER-LEGERE: Inclusive, esses motivos aparecem em seu livro *Conselhos gestores e participação sócio-política* (São Paulo: Cortez, V. 84, 2001. Coleção Autores da Nossa Época) de forma bem contextualizada, mostrando essa mobilização dos estudos empíricos que a senhora fez das associações dos moradores.

Professora Maria da Glória: Exato, é!

3 REVISTA INTER-LEGERE: Há também resultados desse estudo no livro *História dos Movimentos e Lutas Sociais: A construção da Cidadania dos Brasileiros* (São Paulo: Loyola, 1995)?

⁵ Universidade de São Paulo

⁶ Alusão ao confronto entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da USP e os estudantes da Faculdade Mackenzie, em 02 e 03 de outubro de 1968, que ficou conhecido como a Batalha da Maria Antonia. O nome é uma referência ao endereço das duas universidades, que em 1968 eram vizinhas, na rua Maria Antonia, no centro de São Paulo.

⁷ Sociólogo Paulista, jornalista e militante da causa operária. Participou da oposição ao Estado Novo e foi membro fundador da União Democrática Socialista, um dos núcleos da organização da esquerda no Brasil. Tornou-se professor universitário em 1953, após dura batalha contra os burocratas do Estado, que viam em sua cegueira um impedimento ao exercício do magistério. Seu livro *Sindicato e Estado*, em que aborda a formação do proletariado paulista é considerado um clássico sobre o tema no país (Disponível em: <http://canalciencia.ibict.br/txt.php>).

Professora Maria da Glória: Exato, o estudo realizado possibilitou uma riqueza muito grande de informações que foram sendo aprofundadas e sistematizadas. Mas há um terceiro e definitivo motivo da escolha pela área. Têm muitas pessoas que fazem a escolha e depois mudam, foi justamente nos anos 1970 depois de ter entrado como docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) num momento em que a PUC era uma resistência às lutas contra o regime militar (1964-1985), foi justamente naquela época que a PUC foi invadida, que os participantes foram agredidos num encontro da SBPC⁸. Aquilo tudo criou um grupo de pessoas, preocupadas com a questão da resistência, da reorganização da sociedade civil, eu não estava sozinha e, havia um Instituto que se chamava URPLAN⁹. E nós começamos a organizar cursos de especialização, que naquela época nem estavam tão regulamentados. Logo a seguir, eles foram regulamentados para cursos necessários com 360 horas e tal, mas até aquela altura não eram. Então, nós fazíamos cursos de curta duração e de especialização, principalmente, para pessoas que estavam envolvidas nas lutas sociais ou trabalhando na máquina pública e tinham interesse de mudar e transformar a situação e cursos completamente diferentes, não era só teóricos não, nós trazíamos também as lideranças. Dessa maneira, todas essas lideranças do ABC paulista que, hoje, grande parte está em postos governamentais, assim como, a Oposição Metalúrgica de São Paulo, e, inclusive, Santos Dias¹⁰ e outros mais, participavam e ficaram com um bloco desses cursos. Eu cheguei a coordenar 13 desses cursos lá, de 1977 a 1980, em São Paulo. Creio que isto foi uma coisa decisiva para envolver, para além da teoria, para além do estudo acadêmico. Nesse período, também tive a oportunidade de ler e estudar, não só os textos de Manuel Castells¹¹, Jordi Borja¹² os quais eram influências iniciais muito presentes; eram eles quem estudava movimentos sociais populares naquela época. Fiz meu mestrado e doutorado na USP, então tive a oportunidade de fazer leituras importantes e, de ser aluna dos nossos clássicos da história da sociologia. Eu fiz uma leitura dos Grundrisse¹³ com o Martins¹⁴, estudei com o Gabriel Cohn¹⁵, Francisco Weffort¹⁶, um dos grandes clássicos da política.

⁸ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

⁹ Instituto de Planejamento Regional e Urbano

¹⁰ Militante do Movimento Operário e da Igreja Católica, Santos Dias foi Líderança da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo no período de 1960 a 1979 quando foi assassinado por militares em uma greve da categoria.

¹¹ Sociólogo espanhol, autor da trilogia Sociedade em Rede.

¹² Urbanista Catalão. Consultor internacional e diretor do programa “Gerência da cidade e do urbanismo” na Universidade de Catalunha – Barcelona desde 2004. Dentre os livros de sua autoria destacam-se: *La Ciudad conquistada; Local e Global: La gestion de las ciudades em La era informática; Luces e Sombras Del urbanismo de Barcelona.*

¹³ Manuscritos que deram origem a obra O Capital, de Karl Marx, sociólogo alemão.

¹⁴ Jose de Souza Martins, sociólogo brasileiro.

¹⁵ Sociólogo brasileiro especialista na obra de Max Weber.

¹⁶ Cientista político brasileiro

4 REVISTA INTER-LEGERE: Também foi aluna do FHC?

Professora Maria da Glória: O Fernando Henrique Cardoso¹⁷ já tinha sido cassado, mas ele participava dos nossos cursos na PUC, assim, como vinham o Betinho¹⁸ e tantos outros já em outro período. E também, o Octavio Ianni¹⁹, quando eu entro na PUC, o Octavio Ianni é reintegrado na PUC, e não aceita assinar uma carta que tinha que assinar pra USP e ele fica na PUC e eu fiz um curso com ele sobre uma leitura de O Capital²⁰. Então, foi uma época em que todos nós estudávamos muito o marxismo e foi uma oportunidade em que eu estudava a teoria e, ao mesmo tempo, via uma nova realidade que só depois passou ter outras explicações, porque foram justamente esses novos movimentos sociais que se afastaram mais dessa teoria marxista e, muitos deles, vieram a ser teorizados mais próximos ao pós-moderno, ao Foucault²¹, ao Boaventura Santos²² etc que se afastam daquelas abordagens iniciais do marxismo.

5 REVISTA INTER-LEGERE: Esses estudos, contribuíram com a sua compreensão da organização dos movimentos sociais e a produção do livro *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* (São Paulo: Loyola 1997), que fundamenta hoje o estudo dessa área no Brasil?

Professora Maria da Glória: Eles foram fundamentais. Eu acho que essa fundamentação inicial foi importante para dar importância a formação de teorias, pois a grande parte das pessoas que depois entraram em pós-graduação tinha o legado deles. Era algo inequivocamente, fundamental para a experiência e a participação em movimentos sociais. Na atualidade não se prioriza mais na formação a leitura, e principalmente há, um certo repúdio, à leituras de clássicos tudo é considerado ultrapassado isto considero uma superficialidade dessa visão, pois a leitura dos clássicos foi e ainda é fundamental. Nos anos 1990 eu entrei definitivamente nessa questão teórica e fui para os Estados Unidos da América fazer um programa de pós-doutoramento. Cursei meu doutorado na USP e um pós-doutoramento na New School²³. Eu fiz uma rota completamente diferente da maioria dos colegas brasileiros que acaba indo sempre para a França. E de fato lá está o Touraine²⁴, mas o Castells já tinha saído para um núcleo de estudos sobre movimentos sociais e outros, mesmo assim, todo mundo foi para a França. Eu fiz um percurso inverso, me interessei por ir para os Estados Unidos para estudar as teorias clássicas da ação coletiva. Primeiro dado, o

¹⁷ Sociólogo brasileiro e Presidente do Brasil no período de 1994 a 2002.

¹⁸ Herbert José de Sousa, sociólogo brasileiro e ativista dos direitos humanos.

¹⁹ Sociólogo brasileiro.

²⁰ Obra de Karl Marx, sociólogo alemão, sobre a sua teoria política econômica.

²¹ Filósofo Francês.

²² Sociólogo português e Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

²³ New School for Social Research- Universidade situada na cidade de Nova York, Estados Unidos.

²⁴ Sociólogo Francês.

debate que estava tendo sobre a questão da institucionalização, que está presente hoje no Brasil, mas lá nos Estados Unidos já estava muito forte nos anos 1990, tanto que agora traduziram o livro do Sidney Tarrow²⁵ para o português e a primeira edição é de 1994. Foi também um período muito feliz porque eu fui pra *New School* para uma instituição que tem todo um histórico de resistência que foi criado nos anos 1930 num período em que o Hitler²⁶ perseguia os intelectuais. Então, os intelectuais que fugiram da Alemanha foram para os Estados Unidos e criaram a *New School*, inclusive, Hanna Arendt²⁷, é dos marcos da história da *New School*. Esse período em que eu estive lá, nos anos 1990, tive a oportunidade de usufruir um ano acadêmico excepcional, pois além do convívio e do contato com Andrew Arato²⁸ que tem um livro publicado em 1992 e que ainda não foi traduzido para o Brasil. Este livro de Arato trata da questão da sociedade civil; é um grande balanço das análises da questão da sociedade civil. Eu tive a oportunidade, nesse ano, de encontrar Pizzorno²⁹ que lá estava e que trabalha a questão da participação, o Hobsbawm³⁰ estava em um seminário. Aconteceram quatro grandes seminários com um só, você já ficaria deslumbrada quatro, então... Com o Alberto Melucci³¹ foi um semestre todo. Com ele, eu tive a oportunidade de conviver e dividir a sala porque ele era também convidado, estava no mesmo departamento no qual eu fazia o programa de pós-doutoramento, o departamento de sociologia. Lá estava também Agnes Heller³². Todos estes passaram por lá. Reconheço que formam diferentes tendências, mas são personalidades que hoje são nossas referências. E eu tive a oportunidade dessa convivência e de poder utilizar aquelas bibliotecas fabulosas, maravilhosas, porque naquela época nós ainda, não estávamos com esse acesso todo que nós temos hoje aqui no Brasil. E a *internet*, digitalização, não tínhamos ainda tudo isto. Então, por exemplo, quando eu descubro um texto sobre movimentos sociais do Habermas³³ dos anos 1982, pra mim é um achado, e, foi realmente garimpando nas bibliotecas que, depois, inclusive, publiquei e com outras pessoas divulguei um pouco desse artigo, meio desconhecido, que depois vim, a saber, ao referir-me a esse.

6 REVISTA INTER-LEGERE: No livro *teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos* a Sra. apresenta um estudo consideravelmente denso, por reunir todas essas tendências e teorias. Este livro teria contribuído para demarcar os movimentos sociais como campo de estudo das Ciências Sociais no Brasil?

²⁵ Pesquisador da área sobre as teorias dos movimentos sociais com enfoque na investigação da ação coletiva

²⁶ Adolf Hitler, anti-semita e líder do partido nazista alemão (1920-1945).

²⁷ Filósofa política alemã.

²⁸ Professor de Teoria Social e Política da New School University- Estados Unidos.

²⁹ Alessandro Pizzorno sociólogo e cientista político italiano.

³⁰ Historiador marxista britânico

³¹ Sociólogo Italiano

³² Filósofa e Socióloga húngara, discípula de Georg Lukács, filósofo húngaro.

³³ Filósofo e sociólogo alemão.

Professora Maria da Glória: De fato até agora não teve nenhum outro grupo que fizesse isso, nem para a questão da ação coletiva, nem muito menos para os movimentos sociais. É um livro bastante denso, no entanto eu sentia a necessidade de completá-lo inserindo alguns estudos relevantes que lá não aparecem e em 2007, eu retornei a *New School* para uma nova pesquisa objetivando essa atualização. A primeira pesquisa teve uma coleta em 1996, 1997, só que em 1997 o livro já estava pronto quando eu enviei mais ou menos o perfil do que eu estava pesquisando para o editor, ele já mandou o contrato direto, não esperou nem ler. Era algo sobre o que havia uma expectativa. Em 2007 quando eu retornei pensando nessa atualização foi por um período muito mais curto, não foi um ano acadêmico, mesmo assim o que eu consegui coletar para fazer uma atualização iria ficar muito extenso num livro, que já tinha 380 páginas e chegaria possivelmente a mais de 500 páginas. A editora não iria provavelmente fazer uma atualização desse roteiro com a inclusão de tantas páginas porque envolveria uma outra questão: a pessoa que já tem um livro vai comprar um outro porque está atualizado? Não sei se venderia, não sei que preço teria um livro de 500 páginas, então, eu decidi fazer outro livro, sobre as novas teorias sobre movimentos sociais que saiu em 2008, com segunda edição em maio de 2009, e agora em outubro de 2010, saiu à terceira edição. Ele está organizado um pouco diferente, em vez de fazer toda aquela grande retrospectiva de paradigmas, eu fiz uma síntese das teorias clássicas e, depois, fiz uma atualização dos principais autores que eu tinha estudado lá nos Estados Unidos, principalmente, nas teorias clássicas e, depois, faço um foco grande para a América Latina. Então, esse foi todo o primeiro bloco. No segundo bloco fiz um resgate de toda a obra do Touraine. Foi uma homenagem, por que inclusive naquele ano, o Touraine tinha ganhado um importante prêmio como sociólogo³⁴. O terceiro bloco foi direcionado às lutas das mulheres. Eu acho que também essa questão era uma dívida que eu tinha desde o meu doutorado porque o que eu chamei a *força da periferia* no fundo era a luta das mulheres por creches, e eu não tinha dado esse destaque, elas estavam meio que ocultas, um sujeito assexuado na questão dos movimentos sociais. Desse modo eu busquei preencher essa lacuna e aí fiz um trabalho para isto. Esse livro está tendo uma boa aceitação porque é uma reflexão teórica, mas não é tão exaustivo como é o livro *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* que é um livro para o pesquisador mesmo, por isto é mais denso, e esse outro ficou muito mais acessível e tem sido trabalhado em graduação e formação de lideranças. A síntese que eu fiz das teorias clássicas não é tão pesada de se ler como no outro livro.

6 REVISTA INTER-LEGERE: O que a senhora vem falando dá para pensar na seguinte questão, que é, com relação a sua obra, acompanhando as mudanças que se dão nos movimentos sociais para interpretá-los: então quais perspectivas a senhora apresenta, hoje, considerando essas mudanças e as novas redes de mobilizações e ações coletivas?

Professora Maria da Glória: Bem, primeiro eu avalio o campo de investigação para depois observar a questão da perspectiva. Quanto ao campo de investigação eu acho que é importante, porque não só aqui no Brasil mais em outras partes do mundo a temática

³⁴ Premio Príncipe de Asturias de Comunicación y Humanidades 2010.

dos movimentos sociais tinha sido posta um pouco de lado ou marginalizada; até destituída por alguns que fazem uma análise muito apressada, muito focalizada, achavam que era um tema do passado, que precisava se ocupar do movimento social quando se tinha a ditadura. Depois da ditadura não se precisava mais do movimento, uma leitura muito doméstica, local. Para outros, era realmente tema: movimentos sociais, na época das mulheres, direitos civis etc. Agora tem que se discutir a questão da institucionalização. Estamos em outra etapa não é mais a etapa das demandas, é como se tivesse tudo resolvido e agora, vamos ver como administramos é como se as políticas públicas respondessem, atendessem, estava tudo equacionado. Um bom gestor e uma boa engenharia do social resolveriam, no fundo, é essa lógica que permeia essa perspectiva. E ocorre que, depois dessa euforia com as políticas neo-liberais, com essas reengenharias do Estado e um discurso da participação da sociedade civil, que foi apropriado com sinais contrários, viu-se um controle social se exercitando de cima para baixo e não de baixo para cima. Então, eu penso que está voltando à necessidade da reflexão sobre os movimentos sociais, porque eles estão retornando com muita força. Olhem para a Europa e olhem para a América Latina, para a África, ou para outros lugares mais. Mas, olhem detidamente para a América Latina e vocês vão ver que as novidades se apresentam, tanto em termos de inovações democráticas ou em termos de uma constitucionalidade, essas foram construídas pelas trajetórias de movimentos sociais, não foram nem grandes lideranças, nem políticas implementadas por organismos internacionais: pelos bancos, pelos apoios, ou outra coisa assim. Então, os movimentos sociais estão se tornando realmente, necessários e estão voltando. Agora, também o tema atualmente é apropriado de modos diferentes, há um campo de disputas: apropriado por diferentes perspectivas; com diferentes significados e tendências; com diferentes direções e muitas vezes, não se trata de movimentos sociais, trata-se de lobbies que acabam chamando de movimento social. Nós também temos emergências, nisso talvez resida um fato novo, que não tínhamos antes, uma coisa muito grande de movimentos sociais, realmente reacionários, não progressistas. Vemos um crescimento grande desses movimentos e também, de movimentos religiosos. A gente percebe esse campo todo de qualquer forma, a partir do que a gente observa. Com relação à área das ciências sociais, há um processo de reconhecimento dos movimentos sociais como um campo, uma sociologia dos movimentos sociais. Eu fiquei muito satisfeita porque este ano eu fui convidada na USP para participar de um evento, uma semana em que os estudantes organizaram no programa de pós-graduação. A primeira novidade é que não eram só os estudantes da USP, eles envolveram estudantes da UFSCAR³⁵, da UNICAMP³⁶, do Paraná, conseguiram 07 articulações de programas de pós-graduação, então eram estudantes desses programas de mestrado e doutorado de ciências sociais de 07 instituições. Isso já foi algo muito importante trabalhar em rede. Segundo, os trabalhos, as pesquisas em andamentos foram apresentadas, e sempre convidavam um professor especialista na área para fazer uma leitura dos trabalhos selecionados, porque os trabalhos passaram por comissões, e foram alguns trabalhos seis, sete trabalhos que eram selecionados para cada campo temático e esse professor recebia com antecedência e depois ia lá e via a apresentação, e debatia fazia sua crítica, seus comentários e suas contribuições. Então foi algo inovador perto do que a gente ver por ai que é esse festival de apresentar o *papper* em cinco minutos, pegar o papelzinho e marcar mais um

³⁵ Universidade Federal de São Carlos.

³⁶ Universidade Estadual de Campinas.

pontinho na CAPES³⁷. Eu acho que eu vi um processo diferente nascendo. E terceiro, e o mais importante, na minha perspectiva, é que nos campos temáticos que eles desenvolveram é que tinha sociologia do desenvolvimento, sociologia da religião, sociologia do trabalho, sociologia dos movimentos sociais. Eu fiquei muito satisfeita da centralidade dos movimentos sociais demarcando um ponto. Também a ANPOCS³⁸ acabou de publicar uma obra na qual tenta fazer certo balanço da produção brasileira, via ANPOCS, nos últimos anos. Já havia tido a publicação de um livro com esse tipo de trabalho lá nos anos 80, 90 e agora refizeram, e foram lançados então livros na área da política da antropologia e na área sociologia. E na área da sociologia, desta vez, incluíram um capítulo sobre os movimentos sociais, que, aliás, quem escreveu foi alguém que estuda o tema e que fez uma grande resenha. Porque quem eles convidaram pra escrever, em vários casos, não era assim, ô especialista, ô famoso e, portanto, não ficou falando só da sua obra, das tendências do grupo dele. No caso dos movimentos sociais participou um professor de Pernambuco. Eu comprei o livro e dei uma olhada, mas com tanta viagem, depois a ANPOCS foi há algumas semanas e eu ainda não tive tempo de examinar direito. Mas eu achei um avanço, porque naquela publicação anterior tinha saído logo após a era movimentalista, e os movimentos sociais não teve um capítulo, uma menção à questão dos movimentos sociais, quando muita gente concluía e avaliava que a coisa nova que as ciências sociais tinha apresentado nos anos 80 foram justamente os estudos sobre os movimentos sociais. No mais, era tudo meio reiterativo porque já existia antes e naquela época houve o silêncio, mas dessa vez foi incluída. A meu ver esse campo está se consolidando cada vez mais e o interesse dos jovens em direcionar seus estudos para essa área também. Muitos vendiam o pensamento ambientalista não mais pelo velho e bom movimento sindical, esse, para muitos, está morto, decretaram a falência e etc. Todo esse discurso equivocando de que as novas análises não devem contemplar mais as questões de classes sociais, eu acho que não se trata disso, no fundo as pessoas estão querendo fazer uma crítica ao marxismo, embora falar de classes sociais não significa necessariamente falar de Marx, por que Weber também tratou de classes, e outros autores e outras tendências também trabalharam esta questão, então eu acho que é um equívoco não falar. Discutir, desigualdade, miséria e pobreza, sem falar de classes sociais, tornam-se uma ficção. Eu compreendo que essas questões continuam em pauta.

7 REVISTA INTER-LEGERE: Gostaria que a senhora falasse mais um pouco sobre a questão das perspectivas de estudos e pesquisas sobre movimentos sociais.

Professora Maria da Glória: Eu acho que a gente pode ver uma coisa do ponto de vista teórico de como analisá-los e outra, digamos das perspectivas que a gente observa no desenrolar das lutas, porque você acaba sendo um pouco analista de diagnósticos do social. Quando você vê esse desenrolar de tendências, mas deixando um pouco essa segunda parte, daí, você têm diagnósticos e prognósticos. Eu acho que foi muito rica a redescoberta de alguns autores no estudo dos movimentos sociais, porque têm vários autores, aqui como o Simmel³⁹, sei que aqui é muito considerado na sociologia local,

³⁷ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³⁸ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

³⁹ Georg Simmel – Sociólogo Alemão (1858 – 1918)

mas também a gente vê no Brasil toda uma retomada. Então, quando a gente fala de redes de mobilizações estamos falando de laços, falando de entrelaçamentos, ou seja, do interacionismo simbólico que era toda uma abordagem lá do início do século. Ele está sendo resgatado e isso eu acho que é importante assim como alguns autores, que também eram de uma perspectiva da sociologia alemã que nada tinha a ver com o funcionalismo norte-americano e tinha sido simplesmente esquecidos porque não faziam análise de classes. Recuperar esses autores tem sido importante porque sempre se falou nas análises dos movimentos e entender suas dinâmicas, é, pelo menos na minha perspectiva, você olhar internamente. Não adianta apenas olhá-los externamente em ações, perceber com quem se relacionam com quem se articulam, que demandas têm, mas internamente, como eles se articulam internamente, quem são suas lideranças, quem são as bases. E nesse olhar interno entra a famosa questão das subjetividades, que são perspectivas que esses autores nos trazem, porque eles estavam sempre muito preocupados com o comportamento das pessoas, das lideranças, então eu acho que eles dão ferramentas para pensarmos e até entender porque alguns movimentos conseguem ter sucesso e conseguem trabalhar suas tensões, suas contradições, e acabam prosseguindo, e, outros praticamente são, ou engolidos, ou se autodestroem. Esse olhar interno é fundamental. Não é só perceber como se dão essas relações internas, não é só situá-lo, não é só sistema de produção, mas de fato, um olhar interno.

8 REVISTA INTER-LEGERE: Foi esse olhar interno que contribuiu para a percepção do caráter educativo dos movimentos sociais, enfoque presente no seu livro *Movimentos Sociais e Educação* (São Paulo; Cortez, 1992)?

Professora Maria da Glória: Exato, essa perspectiva, esse olhar educativo eu acho que teve a influência justamente da teoria dos novos movimentos sociais, pois estes enfatizavam bastante a questão da identidade e da cultura. Então, tanto pelo lado de Alain Touraine quando pelo lado de Melucci que são duas abordagens que tem diferenças e aproximações, mais aproximações que diferenças, e ao mesmo tempo, teve o fato de que quando eu fui para a UNICAMP eu tive a oportunidade de estar na mesma faculdade que Paulo Freire⁴⁰. É bom registrar que eu estou na Faculdade de Educação da UNICAMP e não em Ciências Sociais – no ICH, como saiu na programação do evento e eu me esqueci de falar isso em público. E, foi na Faculdade de Educação, justamente quando eu estava retornando que tive a oportunidade de não só conviver com Paulo Freire, com o seu trabalho, mas de ter muitos diálogos com ele, embora que na UNICAMP tenha sido por um curto período, pois logo depois ele foi para o governo da Erundina. Estivemos juntos também em várias reuniões de bairros, trabalhos de base, depois fui colaborar com o Instituto Paulo Freire. Então, essa aproximação com Paulo Freire, e com equipes do Instituto Paulo Freire contribuiu para a percepção dessa perspectiva educativa dos movimentos sociais. E o fato de estar numa Faculdade de Educação me possibilitou prestar mais atenção, no que é esse caráter educativo que eu já falava antes. Em 1992 saiu um livro, mas aquele livro eram artigos que eu já tinha escrito antes, alguns deles eram reelaborações, mas já nesse período - início dos anos 1980 - eu já falava desse caráter educativo dos movimentos sociais. No livro

⁴⁰ Educador e filósofo brasileiro é considerado um dos pensadores mais notáveis no campo da Pedagogia. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, desenvolvendo mais do que uma prática de alfabetização, uma pedagogia crítico libertadora.

Movimentos Sociais e Educação eu procuro trazer outra perspectiva de educação, que é uma educação para além da escola, discuto a importância da participação como ato educativo.

Com relação às redes de mobilizações sociais, que vocês apresentaram como um ponto desta entrevista é interessante ver esse livro de Novas Teorias. Nele, eu trato justamente de duas categorias: redes e mobilizações. Nas redes eu trato um pouquinho da origem, que não tinha nada a ver com o social. Rede é uma categoria utilizada, com diferentes sentidos. Nas ciências exatas a idéia de rede é muito antiga, constitui-se em suporte de alguns conceitos-chave para algumas áreas da ciência, como a física, a engenharia, Na biologia na análise dos ciclos de vida e nas teias alimentares etc. Na administração foi muito utilizado para analisar formas de funcionamento das organizações internas e na elaboração de fluxogramas, avaliação de desempenho, etc. depois como isso vem para a área do social e passa a ter um papel importante. E as mobilizações eu resgato um pouco duas vertentes: eu resgato o Charles Tilly⁴¹ que é um clássico, eu sempre falo que é um clássico nas questões de mobilizações, no ciclo de revoltas, os ciclos de mobilizações na história e os momentos que aquilo se configuraram como disputas, em contextos políticos, as competições, as disputas, e que daí configuram picos desses ciclos que ele estuda, que é uma metodologia muito interessante. Aliás Charles Tilly foi outro que eu tive oportunidade de conviver e participar de dois seminários com ele na Colômbia. Ele tinha acabado de sair da *New School* e estava na Colômbia e ele era casado justamente com Louise Tilly⁴² que estudava feminismo e que foi uma das grandes debatedoras com a Joan Scot⁴³. Quando você recupera a história do feminismo nos Estados Unidos, encontra um grande debate da Louise Tilly com a Joan Scot. Então, esse pessoal todo também eu tive oportunidade de está lá convivendo e recuperando tudo isso. Eu acho que foram momentos únicos, que o clima e a efervescência me possibilitou nessa criação, quero dizer: essa criação não é só inspiração. Você tem também que está no lugar certo em alguns momentos da história e ter um *background* anterior, claro que facilita para você articular tudo que está vendo e ouvindo.

9 REVISTA INTER-LEGERE: Professora, dentro disso, como fica a questão dos movimentos sociais e a questão da emancipação, por exemplo, pegando o caráter educativo? Porque o que a gente nota também é essa adesão, mesmo que seja educacional, mas de adesão mesmo à própria lógica do sistema, perdendo a perspectiva de uma crítica ao próprio sistema.

Professora Maria da Glória: O educativo poder tem duas ou múltiplas direções. Você pode educar para o bem, para o mal, para o vício, para a virtude, quer dizer o educativo

⁴¹ Charles Tilly (1929 - 2008) autor de uma considerável obra envolvendo um amplo espectro de temas e questões: formação dos estados nacionais, transformações macroestruturais, metodologia, mobilizações coletivas e sociologia histórica.

⁴² Historiadora e pesquisadora na área de Gênero. Diretora do Programa de Estudos Históricos na New School Research em Nova York

⁴³ Historiadora norte-americana e professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton, Nova Jersey. É uma das mais importantes teóricas sobre o uso da categoria gênero em história.

pode ser também o acordo, o consenso permanente. A gente tem que ver essa força das palavras e os múltiplos significados que elas adquirem. Para que esse educativo vá nessa direção, no sentido emancipador é preciso que as ações contêm propostas de um projeto político, societário e cultural emancipador também. E que esteja primeiro entrelaçados com os sujeitos que estão envolvidos com as histórias locais dos sujeitos e a história das questões e demandas que estão envolvidos e a inserção deles nesse processo tem que ser de outra forma. Hoje, eles são convocados para apoiar mobilizações. Eu vi manifestações, por exemplo, em plena Avenida Paulista com pessoas que eram levadas para apoiar e o cara estava lá morrendo de fome esperando o sanduíche dele que não chegava. Sempre quando eu vou, a essas manifestações, eu não vou conversar com as grandes lideranças organizadoras, eu fico circulando um pouco e vou conversando: Como o Senhor veio? Como o senhor foi convidado? Por que o senhor está aqui? Então, realmente você observa que as pessoas, muitas não tem o mínimo conhecimento do que exatamente estão fazendo ali. Eles foram convocados, ele está esperando uma casa, ou um lote, ou é isso, ou é aquilo. Esse tipo de participação que você é convocado para apoiar determinadas manifestações porque você está lá na fila da espera de algum benefício, se você não for vai perder esse benefício, ou também, em que as pessoas absolutamente não tem, assim, a mínima discussão de nada, e é tudo muito hierárquico, isso daí você não está formando e organizando ninguém. Efetivamente, o educativo aí tem outro sinal. É nesse sentido que eu acho que a participação hoje, assumiu um aspecto do mobilizado. Mas mobilizado pra quê? Em função de um projeto de emancipação, de transformação, de mudança? Tem alguns hoje muito moderninhos que acham que isso daí é discurso do passado e que efetivamente estão transformando, mas eles estão meramente inseridos nessa mudança conservadora, integração conservadora que reproduz velhas práticas clientelistas. É isso que eu busquei enfatizar no debate sobre democratização do espaço público e novos atores sociais durante a Conferência. Eu sei que talvez não fosse a fala que o auditório quisesse ouvir. Talvez quisesse ouvir uma fala de que estamos chegando ao paraíso. Mas acho que infelizmente, é querer escamotear.

10 REVISTA INTER-LEGERE: Na nossa compreensão foram muito boas e coerentes as falas desta Conferência com o tema, com essa agenda que a gente tem: Mas, que nova agenda é possível? Qual o papel dos movimentos sociais e das agências estruturantes para a diminuição da pobreza e da desigualdade social, tema da Conferência?

Professora Maria da Glória: Bem, eu acho que um grande ausente dessa conferência, eu não posso dizer como um todo, porque eu só fui lá nas palestras, eu não fui ver as apresentações dos *papers*, eu não fui nas sessões dos outros colegas a tarde, mas eu não vi os movimentos sociais. Então, o grande ausente são esses sujeitos, que poderiam não ser só dos movimentos. Mas, alguns que estejam aí nessa questão da administração das políticas da miséria que não seja um que vem lá de Brasília com as suas estatísticas e dados, interessantes, ele têm que vir. Mas o do bairro tem que vir também. E o que distribui os *ticketes*? Eu estou orientando algumas dissertações e tenho ficado estarecida. De pessoas que efetivamente tem um poder muito grande na dita comunidade, porque elas é que distribuem, fazem articulações com as escolas, arregimentam os alunos para trabalhar para a política, e esses alunos param de freqüentar a escola na época da eleição para ir trabalhar para determinados políticos.

Quer dizer, então, são coisas que não são ditas como oficiais, mas você fica sabendo por outros meios.

11 REVISTA INTER-LEGERE: A discussão dos conselhos dos territórios da cidadania, é coisa recente, uma política do Governo Federal. De que modo, realmente, estão construindo uma agenda, como está se dando internamente os consensos lá dentro para aprovação dos projetos, que poderiam também terem sido tematizados?

Professora Maria da Glória: Exato. Mas de toda forma, eu acho que a Conferência foi, assim, um sucesso de público pelo atendimento ao chamamento, denotando um vazio e uma necessidade de discussão e com todos esses números de congressos que existem hoje por aí. Quer dizer, então, o tema ainda tem uma lacuna e uma necessidade de discussão; é ainda muito meritório o esforço dos organizadores. Eu fiquei assim estarelecida, porque a gente que é da Universidade Pública sabe das dificuldades econômicas. Então, para conseguir as verbas para trazer pessoas de fora e depois pra sustentar lá... O Roberio⁴⁴ eu ficava preocupada porque é capaz dele ter uma síncope cardíaca, ou qualquer coisa, porque ele preocupava-se do fio que está ali, do papel higiênico que acabou no banheiro, de tudo, do professor. Veio aqui uma moça que ontem me entregou o papel errado e eu tive que assinar outro, e o cuidado que ele teve com os detalhes, com tudo. Então, eu não acho que não cabe nenhuma crítica, não vai nenhuma crítica com relação a esse primeiro evento pelo esforço gigantesco que eles fizeram. Eu acho que o que a gente tem são sugestões a fazer para um próximo, que os sujeitos falem também, representantes desses sujeitos, conjuntamente. Não para ficar um negócio popularesco, não, virar um Fórum assim, não. Mas, para pensar e repensar. Se é para, não gostar das ONG's, pra falar mal das ONG's, por que não traz a ABONG? Um representante da Associação Brasileira das ONG's? Ela tem a sua posição também. Porque fica daí só uma fala, que descaracterizou. Eu também tenho muitas críticas, naquele livro *O Protagonismo da Sociedade Civil*, metade são perguntas e críticas as ONGs. Mas eu não deixo de reconhecer o papel que elas cumprem e que é importante e, assim, busco e acompanho nos boletins, nos eventos sempre as reflexões, o que eles estão fazendo. Eu não tenho *a priori* já uma condenação.

12 REVISTA INTER-LEGERE: Professora quando estávamos na sua palestra vimos a sua posição, depois da professora Ilza⁴⁵, depois a do professor Vitullo⁴⁶ e lembramos que nós estamos fazendo uma pesquisa sobre os Comitês dos Territórios da Cidadania no Território do Sertão do Apodi/RN e ficamos nos perguntando: apesar de todas as críticas, se a gente perguntar ao trabalhador rural o que ele pensa sobre a assistência técnica das ONG's, falando sobre elas, eles vão colocar coisas muito positivas, por mais que haja uma crítica no processo de institucionalização dos movimentos, que se transformam em ONGs, se você for lá e perguntar diretamente para os beneficiários, eles vão dizer os benefícios. O que a senhora pensa sobre isto?

⁴⁴Robério Paulino Rodrigues – UFRN, Presidente da I Conferência Nacional de Políticas Públicas contra a Pobreza e Desigualdade, realizada de 10 a 12 de novembro de 2010, na UFRN.

⁴⁵ Ilza Leão de Andrade- UFRN

⁴⁶ Gabriel Vitullo- UFRN.

Professora Maria da Glória: Ontem, observei que deixei uma lacuna na minha fala, porque também falei demais. Eu desejava colocar que tem algumas ações recentes, por exemplo, essa da *Ficha Limpa*, que não resolveu o problema do Brasil, mas eu acho que foi uma sacudidela e foi uma coisa de movimento, de cidadãos, etc etc. Não foi uma iniciativa governamental, então, têm várias coisas desse lado. Como modelo, eu digo modelo dessa nova classe média, eu tenho muitas dúvidas se é de classe média mesmo, eu acho que é um discurso para ajudar o tal do empoderamento, bom seria se já tivessem se transformado realmente em classe média, em camadas médias. Mas esse discurso está sendo uma inclusão conservadora via o consumo. Hoje, todos têm celulares e mil prestações na Casa Bahia. 60% da população está endividada. Se qualquer bolha aparecer aí, não sei como essa história vai parar. Parece que nós estamos numa bolha, assim, imunes, está pegando fogo lá fora e nós aqui somos os bons, resolvemos tudo. Deus ouça essas luzes, digo, essas visões e que essas permaneçam porque eu tenho minhas dúvidas. Mas, a gente tem vários exemplos de ações que poderíamos dar. Acho que posições já fechadas *a priori*, de pessoas que, é aquele esquema clássico de que eles têm o caminho, eles sabem a verdade, todos os outros são cegos. Então, é aquele discurso fechado, vanguardista e contraditório, porque você vai, vai, vai, mas lá na frente você também concilia e negocia. Ontem, não sei se vocês prestaram atenção, teve vários momentos disso. Por quê? Porque você também tem que fazer política com seus aliados. Se seus aliados também estão lá conciliando, você também vai, mas esse é bom, mas, esse não é. Fica nessa onda e acho que avança pouco. E ficam assim pequenos grupos, porque eles têm muitas unidades, muita coisa interna. Mas quando eles falam em avançar a teoria, mas é uma teoria já pré-definida qual é a verdadeira. Não é uma teoria que se constrói na história com o confronto das ideias e avança segundo o andar da carruagem. É por aí.

13 REVISTA INTER-LEGERE: Na sua opinião, em que medida as Conferências se constituem em espaços de discussão e tomada de decisões de uma agenda nacional na área das políticas públicas?

Professora Maria da Glória: Eu acho que as conferências são interessantes porque se você for ver, por exemplo, em algumas áreas sociais as conferências, num primeiro momento, foram criações da sociedade civil organizada e dos movimentos sociais, inclusive, a área da saúde, por isso que é a mais organizada nos conselhos, porque eles tinham já isto, foi a primeira que saiu com o conselho na área da saúde, e eles tinham uma conferência nacional. Então, isso já é um campo de experiências e trajetórias anteriores e que simplesmente o Estado incorporou nas políticas públicas. De um lado, eu acho importante, e interessante porque você pode definir planos, por exemplo, o Plano Decenal para Educação dos próximos 10 anos e a Conferência Nacional de Educação (CONAE) que passam por diferentes instâncias. É uma construção compartilhada, é uma construção gradual. Agora, eu acho que tinham que ter, primeiro uma autonomia; uma participação maior dos representantes da sociedade civil para eles terem um poder deliberativo. Em várias dessas reuniões e conferências há um auscultamento, eles são consultados, mas na hora de ver a agenda, lá em cima, são poucos os que definem. E, claro que também não se trata de um assembleísmo permanente, de sempre estar votando, votando, mas acho que, as pessoas para participarem têm que ser formadas, qualificadas. Hoje, as pessoas que participam de

conselhos e várias estruturas têm muitos que são por meros laços políticos partidários. Por isso, o que Simmel e outros falam é interessante, quer dizer, é a amizade, a vizinhança. São esses critérios? É a confiabilidade que você tem na pessoa que ele não vai te trair? É um fiel escudeiro, e não porque aquela pessoa represente milhares que discutiram que fizeram propostas. Isso é um problema sério que a gente observa e que é um processo, uma hora se corrige. Não se trata, de mostrar que é esse o caminho, mas eu acho que é necessário explicitar que existe isso para que seja reformulado. E também para não esperar que a solução toda venha por aí, porque o que também a gente observa nos últimos anos é que, não, é essa engenharia toda do social onde cabe todo mundo, cada um nas caixinhas, etc, etc, chega lá, formula como se as políticas públicas fossem a nova meta de solução e, como se não precisasse mais da mobilização, da demanda, da sociedade civil. Eu acho que isso é um equívoco e esse equívoco acaba se refletindo naqueles que acham que o movimento não é mais necessário, que o movimento acabou e que hoje tem coisas organizadas, mas, imagine sair fazendo passeata, pressão, reivindicação, já era. Isso daí é uma coisa do século passado, o que não é exatamente assim.

14 REVISTA INTER-LEGERE: Além das Conferências, que outros espaços a senhora considera de tomada de decisões: há as Conferências, os Fóruns, os Conselhos, mas teria hoje, um outro espaço de decisão que pudesse efetivamente subsidiar as políticas públicas e as tomadas de decisões?

Professora Maria da Glória: Eu acho que essa articulação do que se chama espaço entre público e privado já foi um grande avanço, no qual se observa que a política não é só do gabinete. Ela tem que passar pelo crivo da discussão, do referendamentado, tem que ter alguma vinculação com a sociedade civil organizada. O nome que dê aí, fórum, oficina, laboratório, qualquer um desses. Agora, penso que as instituições têm também que se tornarem mais próximas desse processo. A Universidade tem um papel importante na produção do conhecimento e não pode, digamos assim, e essa deve ser a sua prioridade de ação, ela não pode virar nem um bandeirão apenas, e abrigo, para os que não conseguem o acesso aqui e ali, ou hospital de assistência. Mas ela tem que estar vinculada aos problemas do seu tempo. Nesse vincular aos problemas do seu tempo a elaboração dessas políticas públicas é um exercício que eu acho, por exemplo, que a Universidade tinha que ter um papel maior nessa questão da elaboração dessas políticas. Em termos de se comprometer mais com cursos, com formação desses conselheiros, tem que ter um pessoal de capacitação, não de uma forma populista, mas de uma forma efetiva. Criar departamentos, acervos, bancos de dados, publicizar. Então, teses e mais teses, dissertações e mais dissertações são feitas e, isso não tem retorno, não circula. Depois, o sujeito fez uma tese sobre isso, arrumou um emprego num negócio que não tem nada a ver e a vida dele está resolvida e aquilo que ele estudou, e foi lá, e investigou e pesquisou. Não existe um compromisso social. Eu gosto da ideia de compromisso social, eu participei de uma mesa em agosto, um debate sobre a Universidade, Responsabilidade e Compromisso Social, e a ideia de responsabilidade que vem das empresas está muito forte hoje nas universidades, principalmente, nos cursos de administração, assim como, a reformulação do terceiro pólo da Universidade que é a extensão. Então, a extensão enquanto responsabilidade social era prestar serviços à comunidade, vimos que quem tem a área médica sempre acaba tendo isso daí, o serviço social também, mas acaba ficando essas áreas. Eu acho que essas áreas tinham que ter,

mas há uma divisão. Você pega as engenharias, pega as matemáticas, as químicas, elas tinham que está lá na escola pública, também se lá tem problema, e tinha que ter projetos diretos na escola pública, não é só fazendo pesquisa para as empresas, para novos produtos. Também são nas políticas públicas que se criam esses espaços. Isso é a gente pensar o nosso pedaço, da nossa casa. Eu sempre digo, que de onde eu falo é da Universidade. Já colaborei com assessoria, consultoria, mas nunca estive do outro lado, nem da perspectiva teórica, nem da perspectiva, digo, na outra margem, nem estive do outro lado administrando alguma coisa. Mas, não me considero que não estou no público. Eu sou de uma Universidade pública estatal, então, eu estou dentro do Estado também. Eu tenho esse compromisso com essa mudança. Então, vamos primeiro olhar para nossa própria casa para ver como ela anda.

15 REVISTA INTER-LEGERE: Professora a senhora falou da palavra auscultar e eu lembrei de uma ideia desenvolvida pela senhora que é a dos movimentos sociais como uma forma de auscultar o que ocorre na sociedade. Essa leitura sensível que a senhora faz das mudanças sociais a partir das manifestações dos movimentos sociais tem se revelado na sua produção. Mostra, assim, que esse é um campo interessante e é um campo que de fato tem demanda para as ciências sociais porque a sua produção já se encontra em 16 livros, fora palestras, ensaios, conferências, artigos, é uma produção considerável. Acho que, hoje, não há nas ciências sociais como estudar essa temática sem entrar em contato com a bibliografia produzida pela senhora. Então, o que eu queria perguntar é o seguinte: a senhora considera que já é possível nas ciências sociais demarcar os movimentos sociais como eixo estruturante, a ponto de se ter uma área específica, mesmo que embrionária, como a senhora citou? Uma sociologia dos movimentos sociais, uma antropologia dos movimentos sociais, ou isto é apenas uma tendência para as pós-graduações?

Professora Maria da Glória: Eu acho que estão se consolidando os estudos sobre movimentos sociais. Mas, estão se consolidando como uma área de produção do conhecimento a respeito dos movimentos sociais. Isto porque que antes havia um interesse muito mais pelo lado da militância, ou porque acolhia o militante, ou porque entrava na Universidade. Eu acho que hoje, ela está se consolidando de uma forma diferente, enquanto produção de conhecimento. E, enquanto produção de conhecimento, um tema nunca é auto-explicativo. Você tem que contextualizá-lo e articulá-lo dentro das redes e conexões. Então, quando você fala de movimentos sociais hoje, você tem que falar desses associativismos; tem que falar de sociedade civil; quer dizer, são muitas categorias. É como faço nesse último livro *Movimentos de Redes de Mobilizações Cívicas*; faço isso um pouco lá, um certo marco disso. Antigamente, as categorias eram cidadania, emancipação etc, hoje, é empoderamento, capital social, quer dizer, mudaram. E, não é só porque agora são as novas que explicam. É porque elas têm um outro olhar; um outro paradigma. Não, se trata de optar, mas de entender a proposta de cada um. De refletir e ver o quê que isso redunde em eu fazer uma tese; em que eu estou olhando para o social como capital social; e, se eu estou olhando para o social como uma busca de possibilidades de um projeto emancipatório. Tem que ter pessoas, não

com isenção, assim, aquela coisa. Eu gostei do Ricardo⁴⁷ ontem que falou da tal da isenção. Eu achei ótimo. É o cuidado epistemológico. Na realidade há a necessidade de efetivamente conhecer, porque hoje as pessoas estão assim xiitas, aqueles que são dono da verdade; é o que eles falam e ponto final; têm também os pós-modernos que estão tão assim, vacinados contra as leituras antigas que eles não querem nem ouvir *a priori*, eles não conhecem. Se eles conhecessem daria para contra-argumentar, mas não conhecem e, isto, é uma forma de se defenderem de uma coisa que não conhecem; e, então, é melhor você não tocar no assunto. Eles simplesmente se fecham numa gaiola dourada com todo esse vocabulário novo e trazem daí abordagens que são velhas também, mas com novas roupagens. Hoje, a teoria da mobilização de recursos que é recriada sob os moldes da teoria da mobilização política, está tendo um espaço enorme na análise dos movimentos sociais. E, para muitos ela é a teoria, e não mais a da identidade. Quer dizer, então, para a teoria da identidade tentaram criar uma briga afirmando que essa era contra a teoria marxista das classes sociais, então, os que estudavam a teoria da identidade seriam já os não marxistas. Agora, já tem uma outra: as teorias da mobilização política. Assim, como efetivamente explicar hoje, que, quem fala de identidade é *old*, é velho, e classe, então, é vovô, bisavô, está morto. E o novo é esse. Isso é uma coisa da nossa dependência colonial, do nosso colonialismo teórico-metodológico, porque se eles lerem a própria teoria da mobilização de recursos ao debater com a da identidade que gerou a da mobilização política, verão que é uma coisa que foi criada lá nos anos 1970, 1980, já estava construída nos Estados Unidos, e eles estão colocando agora, no final dos anos 2010 como o novíssimo, a última moda. Oh! Você não sabe, não ouviu falar disso? Eu acho que tudo isso a gente tem que ficar atento, mas, é assim que nós vamos caminhando e construindo o conhecimento.

⁴⁷ Referência à Conferência proferida por Ricardo Antunes (UNICAMP) intitulada “Projeto Nacional e Políticas Sociais”, durante a programação da I Conferência Nacional de Políticas Públicas Contra a Pobreza e a Desigualdade, realizada no período de 10 a 12 de novembro de 2010, na UFRN.

ESTUDOS

Dossiê: Ciências Sociais e Educação